

A DISCURSIVIDADE EM UMA COMUNIDADE NA REDE ELETRÔNICA: UM MODO DE FALAR DO MST

Lucília Maria Sousa Romão*

Elaine Marcussi * *

1. Sentidos sobre a rede

É certo dizer que a rede eletrônica inscreve recursos tecnológicos com velocidade, grande capacidade de armazenamento, potência na transmissão e diversidade de arquivos em movimento. Ressaltamos que ela também cria condições para a emergência de novas formas de uso da linguagem, abrindo espaço para termos novos, abreviações, ícones e até mesmo a mistura de sons, animação, imagens ao longo dos textos. As páginas de comunidades eletrônicas têm a “voz” de seus líderes (ou criadores) e de seus membros, o que cria condições para a emergência de diálogos, identificações, filiações e rupturas de sentidos, além de fazer circular um imaginário de que todos são amigos virtuais, ao menos durante o tempo de acesso e de conversa on-line. Tudo isso dá um pouco da dimensão das mudanças inscritas pela ordem da Internet: noção diferente do tempo (Levy, 2001), ruptura com a fisicalidade (Wertheim, 2001), topologia associativa (Levy, 1999) dentre outras.

Na era do “tempo real”, não há espaço-tempo para refletir a informação e a velocidade com as quais os dizeres transitam e as “as notícias do mundo” são geradas. O simples ato de refletir sobre determinada informação é um “desperdício de tempo” que o próprio tempo não perdoa. Estamos diante do escoar da areia de uma ampulheta com fluxo contínuo. Nesse correr, cuja direção não é exata, o hipertexto é a expressão gráfica e textual de uma sociedade que não tem tempo, em que a dispersão da linguagem pode se manifestar com fluidez. Uma outra noção de tempo, marcada pelo on-line, pelo instantâneo e pela simultaneidade, combina com um espaço desterritorializado, no qual as noções de ir e vir ficam difusas, em que não há um trajeto linear de rotas e muitas vezes nem mesmo cartografia de navegação; espaço que é aqui e lá ao mesmo tempo, promovendo a emergência de um imaginário de acessibilidade infinita.

“... a chamada revolução da informação contemporânea faz de todos os habitantes do planeta candidatos a mais uma versão da modernização. O mundo é distribuído entre lentos e rápidos. A rapidez se torna argumento de autoridade que funda um mundo sem lei, onde a coisa política está abolida (...) A ditadura do tempo curto faz com que se atribua uma patente de novidade, e, portanto de mudança revolucionária, àquilo que na verdade é produto de evoluções estruturais e de processos que estão em curso há muito tempo...” (Mattelart, 2002: 173 e 174).

Observando a Internet com as lentes da teoria do discurso, é possível dizer que, munida de sua teia hipertextual, ela modifica as formas de o sujeito relacionar-se com a linguagem, visto que não existe a linearidade que o impresso minimamente garantia (Chartier, 2002) e, em lugar dela, aparece uma trama marcada por passagens, janelas, portas, links para navegação. O deslocamento do sujeito por entre os arquivos, a rota de leitura e escrita que ele estabelece enquanto está na rede e o movimento de colocar em discurso suas palavras comporta um número imprevisível de combinações, ilimitado e sempre outro. Marcamos, nesse processo, a rapidez que o suporte garante, a fluidez da topologia da própria rede, uma suposta aproximação com o “outro” apagando as distâncias e o apagamento da fisicalidade.

Assim, a rede põe em movimento, na ordem da língua, outros modos de o sujeito se constituir na linguagem, reordenando redes da memória do dizer e inscrevendo ora movimentos de ruptura e deslocamento, ora de repetição. Assim, a partir da teoria da Análise do Discurso de filiação francesa, que trata do estudo da linguagem e sua exterioridade, entremeando o social e o lingüístico, queremos refletir sobre a rede eletrônica, a emergência do hipertexto e o discurso de comunidades virtuais, em que “amigos” compartilham dizeres sobre o MST, as ações dos sem-terra, a questão do campo, a reforma agrária dentre outros temas, o interesse é investigar a produção e o percurso dos sentidos na rede eletrônica, colocando em discussão como, no virtual, sujeitos ocupam a posição de navegador, como dialogam com seus interlocutores em comunidades de relacionamento, como o interdiscurso faz falar certos sentidos sobre o MST nesse novo espaço, e como a ideologia permite a naturalização e a evidência de certos modos de dizer, apagando outros. Pois “...gerar

um texto , também significa executar uma estratégia , prevendo em algum grau, os movimentos do" outro ", como em qualquer estratégia..." (ECO, 1986:39).

2. A memória discursiva e o sujeito navegador

Para tal, mobilizaremos alguns conceitos teóricos caros à teoria do discurso, a saber, interdiscurso, sujeito, ideologia, memória e silêncio. O conceito de interdiscurso (Pêcheux, 1999), considera que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, visto que derivam dos usos sociais inscritos em outros momentos e de seus sentidos em várias formações discursivas já manifestas; dessa forma, interessa ao analista compreender e percorrer os contextos sociais nos quais as palavras já se inscreveram e aqueles nos quais se inscrevem para, assim, rastrear o processo de formação dos sentidos e a relação deles com a ideologia. Michel Pêcheux (Pêcheux, 1969) teorizou que a ideologia define um sentido naturalizado e evidente para o sujeito e determina "*o que pode ou não ser dito*" em um dado momento, quais sentidos precisam se manter e quais devem ser escamoteados, que dizer é permitido ou negado ao sujeito. É também a ideologia que define ao sujeito o papel que ele deve ou pode ocupar no discurso, indicando, semelhantemente ao ator de teatro no palco, qual posição é conveniente e permitida a ele representar. Tal papel é socialmente marcado e tem relação com as imagens que o sujeito constrói para si, para o objeto discursivo e para o seu interlocutor, o que nos permite inferir que tais imagens dialogam, contrapõem-se, litigiam ou apresentam-se nuançadas por determinadas zonas da memória discursiva, atualizadas no momento da enunciação. No nosso caso, os sujeitos de uma certa comunidade eletrônica assumem para si e para o outro a representação de amigos, próximos e confidentes, criando um efeito de cumplicidade entre eles.

Como sustenta a teoria do discurso, o lugar que o sujeito ocupa no discurso é imaginarizado por ele e pelos seus interlocutores de modo a se desenhar um intrincado e tenso jogo de representações imaginárias, às quais os interlocutores não têm pleno controle nem domínio racional. Dessa forma, consideramos aqui o sujeito discursivo, interpelado em sujeito de seu discurso (Pêcheux, 1969), que é uma posição na linguagem, um efeito dela.

Nosso sujeito do discurso não é empírico, qualificável, muito menos uno, pois é afetado pela ideologia e pelo inconsciente e assume uma posição discursiva ao

enunciar. Desloca-se e move-se, ocupando uma dentre outras posições e podendo mudar de posição. Assim, *“... o sujeito, na análise do discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso...”* (Orlandi, 1999:21). Isso é bastante relevante para o nosso estudo, pois esse sujeito discursivo constitui-se a partir do efeito da memória discursiva, recortando zonas já-ditas e atualizando-as, percorrendo e construindo seus sentidos em outros inscritos sócio-historicamente, falando e enunciando a partir de um já-lá (Pêcheux, 1969). Assim, ao falarmos em memória não estamos pensando-a como recordação, lembrança do passado, nem como uma memória psicológica, mas como o saber discursivo sobre, como *“... aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler vem restabelecer os” implícitos “(quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relacionados, discursos transversos, etc), de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível...”*. (Orlandi, 1999:52)

Para Pêcheux (1983) o sujeito enuncia a partir de dois esquecimentos, no primeiro o sujeito acredita que é o único autor de seu discurso, a origem de todo o sentido do dizer, e apaga tudo o que possa contradizer esta ilusão criada; já no segundo, ele crê que todo o seu dizer apresenta um único significado e é somente este que seu interlocutor captará quando o enunciado for construído, supondo, assim, que as palavras e o mundo mantêm uma relação de correspondência. Tais ilusões são constitutivas do sujeito, condição para ser sujeito de/ à linguagem, inscrevendo-se sempre em palavras já ditas e carregadas de memória, emprestadas de outros contextos. Por isso, todo discurso será sempre “retomada”, “re-make” do já-dito e o sujeito terá sempre a ilusão de que o que diz é totalmente controlado quando enuncia, acredita ser o produtor de seu discurso, este que é uma espécie de “bricolage”, de tantos outros dizeres que “conversam” entre si. E, nesse fluxo de apoderamento da voz alheia e de empréstimo do que é estrangeiro ao sujeito, não há espaço para o reconhecimento da incompletude, da opacidade, da univocidade: na rede, tudo isso fica potencializado, pois as várias vozes são justapostas em vários arquivos que se articulam de maneira dispersa e desordenada. Sobre isso Galli escreve:

“... Assim, se a dispersão faz parte da linguagem e do sujeito, com o hipertexto não seria diferente, já que ele” expõe “...escancara, a incompletude do texto, a produção de sentido do leitor, a impossibilidade de controle dos efeitos de sentido, a

intertextualidade e o interdiscurso que coloca sempre um texto, um discurso numa relação de imbricamento com outros textos, outros discursos que o precedem e que o constituem: o já dito, textos no texto, o múltiplo no um...". (Galli, 2005: 7).

O movimento contínuo, o desenrolar de páginas dentro de páginas, o fluxo de arquivos em uma extensão aparentemente infinita, o suporte tido como capaz de facilitar e integrar, a cada dia, mais e mais grupos de usuários, os sujeitos inscrevendo-se na linguagem com efeito de entretenimento, trabalho, estudo etc fazem falar as escadas do artista plástico Escher, "*House of Stairs*" de 1951, (acesso: 20/10/2006 <http://www.mcescher.com/>) que sobem, descem, seguem a direita, a esquerda, marcando sentidos de deslocamento em várias direções e com possibilidade de espelhamentos, continuidade e rupturas. É assim que vemos a rede eletrônica e o discurso inscrito em seus pergaminhos pós-modernos: como arquivos que materializam palavras já ditas, como memória de dizeres já falados e como silêncio de ditos calados no momento da enunciação.

3. Análise do discurso de uma comunidade

Devemos deixar claro que nossas considerações não serão nunca capazes de abraçar todos os sentidos possíveis, pois tanto quanto o sujeito analisado, também o analista, por mais que se esforce para atingir a imparcialidade necessária para tecer este ou aquele julgamento, também é um sujeito "imerso no sistema". Por comunidade, entende-se ser um grupo de pessoas que vem sua proximidade ser constituída pelo fato de usufruírem um mesmo espaço físico, mais ou menos dilatado. Uma comunidade virtual pode ser definida como sendo agrupamentos "especializados" e "herméticos", incapazes de flexibilizar as relações humanas, mas, segmentar a sociedade por interesses específicos (Wheathey, 1998), de alguma forma tentando assegurar o pertencimento a um grupo através de procedimentos, que, de modo estrutural, possam levar a uma certa facilidade ao ingresso ou saída do grupo em questão. Vários são os sentidos socialmente construídos para participação de uma comunidade, na rede, há um efeito de compartilhamento de angústias e questionamentos, troca de informações a respeito de um assunto, exposição de posição "pessoal" ou sentimentos, diversão, construção de redes de contato; destacamos que em todos eles há um desejo de pertencimento a uma comunidade.

Lembramos que o mecanismo de “funcionamento” do ORKUT baseia-se na obrigatoriedade de um membro “convidar” um amigo via e-mail, e é só depois disso que este se torna parte do grupo. Em algumas comunidades específicas não é suficiente apenas o convite de um amigo, o “dono” da comunidade depois de analisar o perfil do “proponente” informa se este pedido foi ou não aceito, baseando-se principalmente na pesquisa do perfil do candidato. Assim, existem duas limitações ao pertencimento de qualquer um que seja ao ORKUT, primeiro, dispor de acesso a Internet (e-mail, no mínimo) e receber o “convite” de alguém que já faça parte do ORKUT, gerando uma “tribalização” em rede, dentro da rede. Enfim, na comunidade supõe-se a existência de membros que se relacionam com seus “pares”, buscando a similaridade e a identificação, a aproximação através da fala por meio de visões/posições políticas que os marcam contra ou a favor de um tema, enfim, como um espaço de enunciação em que as mesmas regiões da memória são recortadas, em que a rede de filiações ao já-lá construa identidade na mesma formação discursiva (Pêcheux, 1969).

Nosso *corpus* de análise é formado por recortes lingüísticos da comunidade que se autodenomina “*Eu odeio o MST*”, cujos efeitos de ódio, rancor e intolerância são marcados na ordem da língua. Nas palavras presentes na descrição da comunidade¹, trata-se de “... *Comunidade para quem não gosta, odeia, ou simplesmente almeja o fim de uma baderna denominada Movimento dos Sem Terra...*”.

Eu odeio o MST

participar
ver fórum
ver eventos
convidar amigos
falso! denunciar

descrição: Comunidade para quem não gosta, odeia, ou simplesmente almeja o fim de uma baderna denominada Movimento dos Sem Terra.

categoria: Governo e Política
dono: Rafael Araújo
tipo: pública
fórum: não-anônimo
idioma: Português
local: Brasil
criado em: 14 de Junho de 2004
membros: 44.540

Nessa comunidade, há 44.540 membros (número representativo visto as restrições e condições ao pertencimento já enunciadas anteriormente). Visualmente, a página destaca uma cruz vermelha riscando a bandeira do MST, cruz esta que aparece em muitos outros “símbolos” que permeiam os usos sociais dados pela memória discursiva, a saber, símbolo de algo errado ou incorreto, marca nas correções de provas, indicação das placas de proibido estacionar, proibido fumar dentre outros. Nesse caso, esse símbolo nos diz que é “*proibido o MST*” e os sentidos inscritos por esse movimento, colocando um sinal de interdição em vermelho sobre a bandeira do movimento, que também faz falar um modo de inscrever sentidos de uma proibição, perigo, ameaça, sangue, violência e comunismo. Na materialidade lingüística, a comunidade descreve o MST como desejoso de “... *almejar o fim...*” desta “... *baderna...*” e baliza no discurso que os integrantes do MST são marginais, criminosos, desordeiros.

Assim, instala um desejo compartilhado, um sentido comum, uma marca de pertencimento que une estes milhares de indivíduos (da comunidade “*Eu odeio o MST*”), isto é, o desejo do fim, do extermínio, da eliminação do MST, do apagamento de um dizer tido como indesejável e, por fim, do assassinio de seus integrantes. Os trabalhadores sem terra são falados, pelo discurso dessa comunidade, como pessoas desqualificadas, desordeiras, que agem na ilegalidade e que tentam destruir a “ordem” existente da sociedade (Romão, 2002). Ao inscrever tais sentidos, a história das lutas populares, a mobilização e engajamento dos excluídos em busca de fazer valer seu direito de propriedade, de moradia, de educação, de alimentação são apagados e silenciados.

O discurso dessa página, marcado pelos efeitos de ódio e intolerância, dialoga com outros, filia-se a outros campos de dizer na rede, tem relação de continuidade ou de anterioridade com outras páginas que o sujeito criador da comunidade relacionou: “*Anti MST*” (19.407 membros), “*União Democrática Ruralista*” (1685 membros), “*Vamos acabar com o MST*” (941 membros), “*100% Anti-MST*” (364 membros), “*Fora MST*” (242 membros), “*Odeio o MST e seus Líderes*” (190 membros).



Nas comunidades relacionadas, o que se verificam são tantos dizeres de uma bandeira monocórdia, excludente, cujo efeito de “*ódio ao MST...*” é marcado lingüisticamente. Destacam-se também muitas outras cruces vermelhas que tentam rasgar o símbolo do movimento em pedaços, tornar a bandeira dele um alvo para ser atingido e eliminar o Brasil desenhado por/para esse movimento social. Nas comunidades, que não são marcadas pelo símbolo do MST, aparecem plantações verdes a marcar um implícito: de um lado, a bandeira do MST e o sentido que o sujeito marca como a vocação política do movimento para a baderna; de outro, as imagens registram a lavoura, os frutos da terra, a marca dos produtores ruralistas. Uma oposição semântica, a saber, baderna versus produção, política versus trabalho, dá-se materializada pelo não-verbal que inscreve sentidos e reclama interpretação. Centenas de milhares de metros de soja, produto de exportação, que grosso modo, só aparece na mesa do brasileiro no tempero da salada, isso quando há salada, é a força dos sites que odeiam o MST.

Analisada a página de rosto da comunidade, focamos nossa atenção na descrição de seu dono não para analisá-lo empiricamente, mas para buscar flagrar, na ordem da língua, o modo de constituição desse sujeito discursivo, da posição que ocupa e dos modos como produz sentidos. A descrição colhida na página inicial da comunidade é: *“indivíduo caucasiano (quantos 100% confessos existem no país?), fala, além do português, outros dois idiomas fluentemente, inglês (britânico) e espanhol, nascido em Araguari, MG, região reconhecidamente expressiva na produção via latifúndios monocultores: Soja em grão - quantidade produzida 46.500 toneladas - e na criação extensiva de bovinos de corte: Bovinos - efetivo dos rebanhos 156.768 cabeças (Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2003). Morador atual de Brasília, capital política do país, centro das decisões e do poder, sem mais informações.”*

Não faremos uma análise do indivíduo, dono da comunidade e representante desse contingente de membros do ORKUT que ultrapassa a marca de 40.000, mas de sua voz e do modo como ela significa, da maneira como constrói identificação com uma parcela de brasileiros que não tem qualquer interesse na militância e luta dos trabalhadores sem-terra para a conquista dos direitos não cumpridos determinados por Lei, pois segundo os dados pessoais por ele mesmo informados a legitimação do lugar de poder que ocupa sendo a voz da comunidade, se firma sobre o discurso da classe dominante que se apóia em “incidentes” ocorridos com os integrantes do movimento para obscurecer, apagar todo o caráter de luta contra a insatisfação, o descontentamento, a exclusão, o esmagamento no qual as camadas mais humildes da população estão submetidas. Não só no campo, onde o movimento é mais atuante, mas em todos os lugares em que o embate de forças tão desiguais acontece.

Ainda a respeito de sua descrição pessoal encontramos uma frase de Gonçalo Tavares, escritor português da atualidade, autor cuja produção ultrapassa a marca de cinco livros anuais dos mais variados estilos e gêneros, de poesia a teatro, obras tão distintas que, se cada uma carregasse uma assinatura diferente, os leitores provavelmente não perceberiam. Perguntamos: o que pode significar a citação de um escritor com este perfil? Mais ainda, como se dá a construção de sentidos desse sujeito a partir da citação: “... *O homem no meio da escada hesitava há vários dias entre subir ou descer. Os anos passavam e o homem continuava a hesitar: subo ou desço? Até que certo dia a escada caiu*”? De que modo o sujeito dialoga com seus pares e a “iguais” ao selecionar esta passagem de Gonçalo Tavares? Parece-nos bastante revelador que uma posição intransigente e condenatória de condenação do MST busque um enunciado literário para sustentar os seus efeitos de ódio. Nas comunidades eletrônicas, há várias vozes que se misturam de maneira muitas vezes dispersas, fluídas e desarticuladas em forma de citação, referência a acontecimentos, envio e publicação de pensamentos alheios etc. Nesse caso, inferimos que um suposto efeito de autoridade do literário, materializado pela/na citação, coloca em discurso um deslizamento de sentidos da narrativa contada pela voz do poeta para uma possível maneira de inscrever sentidos sobre o MST. A repetição do “*hesitar*” pode construir sentidos tanto para o movimento social quanto para os que os odeiam, ou seja, tanto hesitam os sem-terra de trabalhar, quanto hesitam os seus oponentes de os eliminarem. “Que o tempo urge” e que a tolerância ao MST como movimento no país sem que qualquer atitude contra o movimento seja tomada pode levar a “escada cair”, ou seja, levar a tomada de poder do movimento e desestruturar o arranjo das vozes

que silenciam e/ou deturpam os objetivos do movimento, o que ele nos sugere? Que o “cidadão de bem” não deve permitir que desordeiros se organizem e ponham em risco a *ordem* “natural das coisas”, interditando o poder do senso comum apagando as lutas por visibilidade dos milhares de excluídos deste país? Esse movimento de lançar a voz alheia solta pões em discurso uma marca de dispersão, pois não há uma interpretação ou enunciado capaz de ancorar esse dizer na sua relação com o MST, ficando para o amigo da comunidade um esforço para arquitetar tal link.

Vemos então, a posição-sujeito se vai desenhando nessa comunidade, como uma voz sem rosto, não centrada em si mesmo, ancorada no outro, amparada pelos amigos, pois só assim, no coletivo de um suposto espaço compartilhado por vários membros, é possível dizer, assinar, autorar o efeito de ódio. Assim, o sujeito é tornado sujeito pela ideologia (Pêcheux, 1969) e assume a sua condição de refém de um lugar discursivo, marcado pela sua condição de classe, ainda que esteja em um espaço virtual no qual a noção de diferença social seja escamoteada. Criando seu dizer a partir da ilusão de um sentido único- odiar o MST- esse sujeito compartilha palavras com os mais de 40.000 “amigos” de sua comunidade, que o seguem repetindo o mesmo.

4. Conclusões:

Com esse texto, buscamos compreender não apenas uma comunidade do ORKUT cuja escrita faz falar o ódio e a intolerância mas, sobretudo, um modo de estar na linguagem quando o sujeito entra ou se inscreve na rede, de colocar em discurso palavras já ditas em outros contextos e que, por isso, reclamam a interpretação da historicidade e do já-lá. Afetado pela ilusão de ser a fonte dos sentidos e o produtor originário do seu discurso, o sujeito toma emprestado o que é alheio, navega por palavras já ditas (seja citando um verso, remetendo a sua comunidade a uma outra página, apresentando nomes de outros lugares a serem visitados), deixa a sua voz deslizar por terras virtualmente estrangeiras e entremear-se com tantas outras, construindo, nesse caso, uma tessitura textual cujos efeitos de extermínio são manifestos.

RESUMO: Esse artigo objetiva discutir, à luz da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa, a questão da memória discursiva e do sujeito na comunidade "Eu odeio o MST", inscrita na rede eletrônica (orkut). Buscamos compreender os modos de produção, constituição e circulação dos sentidos no espaço virtual, apresentando considerações sobre a rede eletrônica, conceitos da teoria do discurso e análise de recortes lingüísticos da referida comunidade.

NOTA:

ⁱ Acesso: 02/04/2006 <http://www.orkut.com/Community.asp?cmm=94050>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, M.V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRETON, P; PROULX, S. *Sociologia da Comunicação: humanística*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- CAVALLO, G. CHARTIER, R. (orgs). *Historia da leitura no mundo ocidental*. (Múltiplas escritas , Lv. 1-2). São Paulo: Atica, 1998.
- CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Editora da Unesp. São Paulo: 2002.
- CORACINI, M. J. (org.). *Identidade e discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 2003.
- CORACINI, M. J. *A constituição identitária do leitor de hipertexto*. (comunicação oral, VII CBLA 2004).
- DERRIDA, J. & ROUDINESCO, E. *De que amanhã, diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2004.
- ECO, U. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FOUCAULT, M. (1975). *Vigiar e Punir*. Petrópolis : Vozes. 1986.
- FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Trad. Brasileira de Luiz Felipe Baeta Neves. 5ª ed., Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1997.
- GADET, F. PECHEUX, M. *A língua inatingível, o discurso na historia da lingüística*. Campinas. Pontes, 2004.
- GALLI, F.C.S. "O sujeito-leitor e o atual cenário tecnológico e globalizado". *Revista Letra Magna*, 1807-5193, 2005.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 31, 1999.

-
- LÉVY, P. *O Virtual*. São Paulo, SP: Editora 34, 2001.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. "Análise de Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade". Porto Alegre, *Correio da APPOA*, 2004. p. 37-52.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MARCUSCHI, L.A. "Linearização, cognição e referencia: o desafio do hipertexto". In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. 3ª edição, Campinas: Editora Pontes, 1999.
- MATTELART, A. *Historia da sociedade da informação*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MUSSALIM, F; BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras: v.2*. (orgs.). São Paulo: Ed Cortez, 2004.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio, no movimento dos sentidos*. 4ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- ORLANDI, E. P. (Org.). *Papel da memória* (colab.). Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4ª edição. Campinas. Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1969.
- PÊCHEUX, M. *O Discurso - estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.
- PÊCHEUX, M. "Papel da memória". In: P.Achard (Org.). *Papel da memória*. (Tradução de José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.
- ROMÃO, L. M. S. *O litígio discursivo materializado no MST: a ferida aberta na nação*. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 310 p. (Tese de Doutorado), 2002, 310p.
- ROMÃO, L. M. S. "Na teia eletrônica, fragmentos da memória". In: *Giros na Cidade: materialidade do espaço*. Morello, Rosângela (org), Campinas: Editora da Unicamp, Labeurb, 2004.
- ROMÃO, L. M. S. "Nós, desconhecidos, na grande rede". *Revista Linguagem em (Dis)curso* vol5, n.1, 2004.
- SILVA, J, O, L da. "Globalização das redes de comunicação, uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais". Universidade de Aveiro. Portugal. In: J, A, Alves. P.Campos e P, Q, Brito. *O futuro da Internet - Estado da Arte e Tendências de Evolução*, p. 53-63, Lisboa. Centro, Atlântico, 1999.

-
- STOCKINGER, G. "A interação em Ciberambientes e Sistemas Sociais". In: *As janelas do ciberespaço*. André Lemos, Marcos Palácios (orgs) Porto Alegre, Sulina, 2001.
- WHEATLEY, M; KELLNER-ROGERS, M. "O paradoxo e a promessa de comunidade". In, *A comunidade do futuro: idéias para uma nova comunidade*. Hesselbein, Francês; Goldsmith, Marshall; Beckhard, Richard; Schubert, Richar F. (orgs). Porto Alegre: Sulina, 2001.
- WERTHEIM, M. *Uma história do espaço de Dante a Internet*. Tradução Maria Luoza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

RESUMO: Esse artigo objetiva discutir, à luz da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa, a questão da memória discursiva e do sujeito na comunidade "*Eu odeio o MST*", inscrita na rede eletrônica (orkut). Buscamos compreender os modos de produção, constituição e circulação dos sentidos no espaço virtual, apresentando considerações sobre a rede eletrônica, conceitos da teoria do discurso e análise de recortes lingüísticos da referida comunidade.

ABSTRACT: That article aims at to discuss, to the light of the Analysis of the Discourse (AD) of French filiation, the subject of the discursive memory and of the subject in the community "*I hate MST*", enrolled in the electronic net (orkut). We look for to understand the production manners, constitution and circulation of the senses in the virtual space, presented considerations on the electronic net, concepts of the theory the analysis of discourse of the referred community's linguistic cuttings.

PALAVRAS-CHAVE: discurso, memória, rede eletrônica, orkut, MST.

KEYWORDS: discourse, memory, electronic net, orkut, MST.

* Profa. Dra. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), Projeto Universal CNPQ.

** Aluna do Curso de Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), bolsista de Iniciação Científica, PIBIC/ CNPQ.

